

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/344714368>

# O CIBERATIVISMO DE MULHERES NEGRAS NA AMAZÔNIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Thiane de Nazaré Monteiro Neves

Conference Paper · October 2020

CITATIONS

0

READS

41

2 authors, including:



[Thiane Neves](#)

Universidade Federal da Bahia

3 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

# O CIBERATIVISMO DE MULHERES NEGRAS NA AMAZÔNIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

**Thiane de Nazaré Monteiro Neves Barros[1]**

Universidade Federal da Bahia, [thiane.nb@gmail.com](mailto:thiane.nb@gmail.com)

**Tamara da Silva Mesquita[2]**

Universidade Federal do Pará, [tamaramesquita95@gmail.com](mailto:tamaramesquita95@gmail.com)

## **Resumo expandido**

Para este trabalho nos interessa o diálogo teórico-empírico sobre a centralidade das lutas de mulheres negras da Amazônia a partir de uma perspectiva decolonial. Por considerarmos que o pensamento e as teorias decoloniais nos exigem um engajamento crítico como afirma Nelson Maldonado-Torres (2019, p.29), bem como chama a uma atitude de rupturas monoteístas e releituras de mapas a partir de discursos e escritas como sugere Jesús Martín-Barbero (2004) e para então firmarmos uma “fidelidade às lutas das mulheres do Sul Global” como nos chama à responsabilidade Fraçoise Vèrges (2020, p. 35), é que este trabalho objetiva principalmente trazer a margem para o centro da ação política e da formulação de conhecimentos, nos moldes da cartografia comunicativa (Martín-Barbero, 2004) e fazer o movimento de reconfigurar as lentes de pesquisa. Buscamos mapear e observar, colocar em primeiro plano as articulações feitas pelos movimentos de mulheres negras em territórios da Amazônia em prol da redução de danos das sequelas causadas pela pandemia da Covid-19. Silvio Almeida (2020), indica duas questões que são frequentemente negligenciadas por analistas da crise em vigor: uma seria o caráter estrutural e sistêmico da crise e a outra é como a crise atinge especificamente grupos sociais que são denominados de minorias ao mesmo tempo que o capitalismo se apropria da tragédia e a reconfigura como oportunidade para ganhar e afirma que o ser humano pode sair mais evoluído dessa crise e com isso barganha as vidas que merecem cuidados e as vidas que podem ser expostas ao perigo, ao controle e à concentração que interessa ao capital, como escrevem Aníbal Quinjano (2005) e Françoise Vergès (2020). Por isso nos interessa, inverter as lógicas dos mapas e colocar a Amazônia como foco de ação e não apenas como foco de queimadas e colapsos, seguir para muito além dos estereótipos que são impostos à região. Seja com o desmatamento, com o genocídio negro e indígena ou com a biopirataria, a Amazônia tem sido fornecedora de oportunidades do Brasil rever a lógica da relação intrínseca entre natureza e ser humano. Essa é razão de trazer para a centralidade do combate à pandemia do novo coronavírus o trabalho realizado pelos coletivos de mulheres negras dos estados amazônicos que ficam na Região Norte. Muitos desses coletivos trabalharam intensamente no suporte às famílias afetadas pelas sequelas da pandemia no primeiro semestre de 2020 e seguem trabalhando mesmo com as autorizações de “novo normal”. Quando as notícias sobre o Pará e o Amazonas revelavam o caos sanitário e o colapso do sistema de saúde de ambos os estados, foram centenas de manifestações de indignação, seminários, preocupações científicas, sociais e econômicas por parte de instituições como as universidades, os institutos de pesquisa e a Fiocruz, que chegou a realizar webnário sobre a explosão da Covid-19 no Amazonas e o Pará chegou a ser afirmado como o epicentro da pandemia pelo ex-Ministro da Saúde, o médico Luiz Henrique Mandetta no mês de maio de 2020 (G1 PA, 2020). Entretanto, as ações que já estavam em vigor desde o mês de março passaram ao largo dos olhos de significativa parte da mídia convencional, pois parece que a Amazônia é um ótimo negócio para os veículos midiáticos

enquanto perda, mas não enquanto movimentos de resistências e articulações políticas, como agem os movimentos indígenas, quilombolas, camponeses, negros e ambientais. Entre os coletivos que estão sendo mapeados neste trabalho, muitos são grupos já existentes e outros foram criados a partir das ações coletivas que reuniram esses coletivos como forma de unir forças para a redução de danos da crise na região, especialmente nos estados que foram mais drasticamente afetados, como Amazonas e Pará. No [www.mapacolaborativo.com.br](http://www.mapacolaborativo.com.br) uma “Plataforma das práticas colaborativas de combate à Covid-19 e das redes de solidariedade”<sup>1</sup>, existem aproximadamente 200 entidades cadastradas nos sete estados da Amazônia que englobam a Região Norte: Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima, Amapá, Pará e Tocantins, voltadas aos diversos tipos de suporte às famílias em agravada situação de vulnerabilidade e em condição de pobreza extrema. São coletivos, organizações dos movimentos sociais e universidades que se diversificam em alimentação, doações, cuidados com a saúde, educação, entretenimento, trabalho e renda, pesquisa, prestação de serviços, produção de medicamentos e equipamentos, entre outras ações. Com a impossibilidade de manter a presença física como antes, dezenas de coletivos se dedicaram ao ciberativismo como estratégia de comunicação, intervenção e para que o distanciamento físico não virasse isolamento social, sobretudo em localidades já atravessadas pelo distanciamento geográfico e pela precária infraestrutura e qualidade das redes de internet que são disponibilizadas à população. Mas mesmo diante de um cenário de expressiva vulnerabilidade e instabilidade, acompanhamos a extensão de algumas das redes já formadas por esses coletivos para o ambiente on-line, ainda que parte significativa do vocabulário da internet não esteja acessível para também uma parte expressiva da população pobre e periférica, urbana e rural, inclusive para integrantes de alguns dos coletivos que atuam nessas frentes, foi e tem sido pelas plataformas, sites e aplicativos que as ações são articuladas, mobilizadas e continuadas, formando uma rede de apoio afetiva, técnica e tecnológica. Diante desse movimento, o objetivo do presente artigo é mapear coletivos de mulheres negras dos estados nortistas da Amazônia que estejam promovendo ações coletivas e campanhas de redução de danos no contexto da pandemia da Covid-19, e então compreender e analisar como esses coletivos atuam a partir de contextos tecnopolíticos considerados territórios de disputas entre as diferentes forças e atores (BRUNO *et al*, 2018) e inspiradas na pesquisa de Katemberra (2020) entender também quais suas aspirações nessas articulações digitais e como percebem as possibilidades e os limites dessa atuação on-line e tiveram que lidar com discursos racistas e violências digitais tão comuns (ROSHANI, 2020). No ano de 2019, eram 72% de municípios com fibra ótica no Brasil. Sendo as regiões Sul e Sudeste as que estão disparadamente com melhor cobertura dessa infraestrutura. É nessas regiões que os mais de 80% dos municípios possuem fibra ótica, com exceção de Minas Gerais (51% de municípios com fibra ótica). Na região Nordeste, Sergipe e Ceará possuem mais de 80% de seus municípios cobertos com fibra ótica, sendo que o estado do Piauí tem apenas 31% de municípios com fibra ótica. No Centro-Oeste os municípios têm mais de 60% de cobertura, sendo o Mato Grosso do Sul com 79% de municípios cobertos por fibra ótica. Na região Norte apenas os estados do Pará e Acre possuem mais de 60% de cobertura, sendo que o Acre tem 77% de cobertura, o estado do Amazonas possui apenas 45% de municípios cobertos por fibra ótica. No geral, o cenário brasileiro pode ser resumido assim: 1 estado com até 40% de cobertura, 7 estados com até 60% de cobertura de fibra ótica, 10 estados com até 80% de cobertura de fibra ótica, 8 estados com até 100% de cobertura. Sendo

<sup>1</sup> A plataforma <https://mapacolaborativo.org.br/> é uma rede organizada por 33 entidades da sociedade civil com o propósito de colaborar “na promoção das ações e na captação de recursos, apoios e parcerias, bem como da criação de um registro histórico colaborativo de mobilizações da sociedade civil e das universidades frente à pandemia”. Além de colaborar para que esses grupos recebam apoio financeiro.

a região Amazônica composta por um estado do Nordeste, um do Centro-Oeste e sete do Norte, conferimos que nenhum estado Amazônico possui mais de 80% de cobertura de fibra ótica, e cinco estão com menos de 60% de cobertura (Mapeamento de Redes de Transporte, 2020)<sup>2</sup>. As empresas de telefonia móvel são obrigadas a cumprir metas com a Anatel também quanto à qualidade e um dos indicadores avaliados é quanto à conexão de dados, no ano de 2019 o mapa da Agência mostra que dentre os estados que estão 100% dentro da Amazônia (MT, TO, PA, AP, RR, RO, AM, AC) as metas das operadoras parecem ter avançado substancialmente ao longo do ano, com especial destaque para os estados de Rondônia, Tocantins e Amapá com mais de 95% das metas alcançadas ao passo que o Acre teve 85% das metas alcançadas. Olhando como usuária comum, parece que há uma grande conquista, mas considerando o mapa da Anatel, o estado do Acre foi onde menos houve cumprimento das metas anuais da conexão de dados por telefonia móvel. Na terceira parte, ainda não concluída, apresentamos as descobertas do mapeamento, apresentação dos resultados e reflexões a partir dessa mirada. Na trajetória metodológica, além do levantamento bibliográfico e documental, a observação e análise do perfil dos coletivos mapeados e a realização de entrevistas semiestruturadas para conhecer como foram pensadas as estratégias e suas relações com o aparato da internet (acesso, dificuldade, limites, etc). As entidades já observadas até o momento do envio deste resumo são: 1) Ajunta Preta<sup>3</sup> é um coletivo de mulheres negras localizado no estado do Tocantins integrou a Rede de Solidariedade Negra para atender famílias negras em Palmas e Araguaína, deu suporte comunicacional para as ações dos Centros de Referência e Assistência Social (CRAS) com a campanha “Você não precisa sair de casa para obter ajuda”, com distribuição de alimentos e produtos de higiene para famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social e divulgou todos os postos de atendimento do órgão e números de telefone, além disso repassou informações sobre o Auxílio Emergencial do Governo Federal e abriu debates sobre as proporções da pandemia no estado do Tocantins. 2) O Banzeiro Feminista<sup>4</sup> no estado do Amazonas integrou o Matchfunding Enfrente - Benfeitoria uma campanha de arrecadação para dar continuidade ao trabalho de doação de cestas básicas para Mulheres, campanha de combate à violência doméstica, debates sobre desafios enfrentados por mulheres durante a pandemia, incentivo ao *lockdown*, entre outras dezenas de ações via Instagram. 3) Telas em Movimento<sup>5</sup> no Pará que é um Projeto de democratização do acesso à sétima arte, com as campanhas “Ajude a combater a Covid-19 nas periferias de Belém” e “Fica no teu setor” que reúnem um conjunto de ações incentivando que as pessoas se mantivessem em casa na medida do possível e também o [#FestivalTeAquietaEmCasa](#) com exibição de curtas-metragens do acervo do coletivo. Dentre as publicações do Telas em Movimento estão a importância do uso de máscara, junto com as cestas básicas e os produtos de higienização, o coletivo entregou também kits infantis de desenho do Telas da Esperança, recados importantes para pessoas idosas, entre outras atividades. A terceira parte da pesquisa ainda está embrionária, ainda serão mapeados os demais estados para identificar esses coletivos liderados por mulheres negras que estiveram na linha frente das contribuições às populações da região. Apesar de muitos serviços e comércios terem sido liberados para funcionamento como as atividades de Feiras e Mercados, os coletivos citados seguem engajados na produção de conteúdo especialmente pelo

<sup>2</sup>Disponível em <https://www.anatel.gov.br/dados/mapeamento-de-redes>.

<sup>3</sup> Informações coletadas no Instagram do coletivo Ajunta Preta: <https://www.instagram.com/ajuntapreta>.

<sup>4</sup> Informações coletadas no Instagram do coletivo Banzeiro Feminista: <https://www.instagram.com/banzeirofeminista>.

<sup>5</sup> Informações coletadas no Instagram do coletivo Telas em Movimento: [https://www.instagram.com/telas\\_emmovimento](https://www.instagram.com/telas_emmovimento).

Instagram, como forma de manter e fortalecer as redes estreitadas durante os meses de maior colapso no território. É possível constatar que além de apresentação de resultados, mantêm atividades como programações artísticas, debates e diversas ações conjuntas.

**Palavras-chave:** Amazônia. Ciberativismo. Comunicação digital. Movimentos sociais.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. Estado racista e crise do capitalismo. [2020] Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/silvio-almeida-estado-racista-e-crise-do-capitalismo/> Acesso em 20 de setembro de 2020.

BRUNO, Fernanda. *Et al.* **Tecnopolíticas da Vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Isolamento revisitado: o acesso à internet na Amazônia brasileira urbana. **Sessões do Imaginário.** Porto Alegre: 2013.

G1 PA. ‘Pará vai ser o epicentro’, diz ex-ministro Mandetta sobre avanço da pandemia. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/17/para-sera-o-epicentro-diz-ex-ministro-mandetta-sobre-avanco-da-pandemia-no-brasil.ghtml>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

KATEMBERA, Serge. Ativismo Digital na África: Demandas, agendas e Perspectivas. In Silva, T (Org). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos.** São Paulo: LiteraRUA, 2020.

MALDONATO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In Maldonato-Torres, N (org). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo:** travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução: Fidelina González. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

ROSHANI, Niousha. Discurso de ódio e ativismo digital: Antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. In Silva, T (Org). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos.** São Paulo: LiteraRUA, 2020.

VERGÈS, Françoise. Um Feminismo Decolonial. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (PósCom-UFBA), [thiane.nb@gmail.com](mailto:thiane.nb@gmail.com)

[2] Pós-Graduanda na Especialização em Análises das Teorias de Gênero na América Latina da Universidade Federal do Pará, [tamaramesquita95@gmail.com](mailto:tamaramesquita95@gmail.com)